

Estórias exemplares: representações do suicídio em baladas inglesas (1641-1797)

Exemplary stories: representations on suicide in english ballads (1641-1797)

DOI:10.34117/bjdv7n4-156

Recebimento dos originais: 07/03/2021

Aceitação para publicação: 07/04/2021

Osny Zaniboni Neto

Bacharel em História – Universidade de Brasília

Endereço: R. Albino Cardoso 202, bairro: Centro. Cep: 13600-150. Araras-SP, Brasil

E-mail: osnyzanibonineto@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa investiga as representações sobre o suicídio presentes em uma série documental de dezoito baladas na Inglaterra do início da Idade Moderna. Analisando os modos de difusão da informação no contexto da cultura impressa nesse período, pretende-se explorar o gênero documental específico da balada. Por outro lado, trata-se de problematizar a historiografia sobre o suicídio na modernidade, propondo uma aproximação com estudos acerca de cultura impressa popular. Examina-se, portanto, como a natureza material desse documento se relaciona às narrativas apresentadas sobre o suicídio, buscando compreender seu sentido dentro delas.

Palavras-Chave: História Cultural, Idade Moderna, Inglaterra, Cultura Impressa, Suicídio, Representações.

ABSTRACT

This research investigates the representations on suicide present in a documentary series of eighteen ballads in Early Modern England. Analyzing the diffusion modes of the information in the context of the Print Culture on this period, the aim of this paper is to explore the specific documentary genre of the ballad. Conversely, the historiography about suicide in modernity is problematized, proposing an approximation with Print Culture studies. Therefore, this article examines how the material nature of this genre relates to the narratives presented about suicide, seeking to understand its meaning within them.

Keywords: Cultural History, Early Modern Period, England, Print Culture, Suicide, Representations.

1 INTRODUÇÃO

Na Inglaterra da segunda metade do século XVII, conta-se a estória de uma jovem dama que se apaixona pelo servo de seu pai. Eles mantêm seu amor em segredo, até que seu pai determina seu casamento com um cavaleiro. Diante disso, ela entra em desespero

e revela seu amor verdadeiro; seu pai não aceita a sua escolha e, enfurecido, manda o servo embora e isola a filha. A donzela, em grande sofrimento, suicida-se, abreviando, conseqüentemente, a vida de seu pai, amargurado, e de seu amado, que também comete suicídio.

Essa é a estória presente nas baladas intituladas *Loves Dovvn-fall*, *Loves Dovvnfall*, *Loves Downfal* e *Loves Downfall*¹, impressas entre os anos de 1641 e 1680. Trata-se, portanto, de um gênero documental bastante marcante da cultura impressa no início da Idade Moderna, na medida em que constitui possivelmente uma das formas mais difundidas e abundantes de artigos impressos². Sua acessibilidade, além do ponto de vista econômico, remete à sua natureza material, sendo uma impressão de face única, de modo a propiciar um veículo de rápida difusão e amplo alcance de audiências³.

Dessa forma, a função precípua desse tipo documental é voltada para o “público”⁴, lançando mão de elementos da cultura impressa – como o próprio formato, já mencionado, e xilogravuras – e oral – como a musicalidade – com o propósito de aglomerar pessoas em torno da narrativa apresentada. Esse aspecto fica claro no documento mencionado, por exemplo, ao passo que a balada começa pela conclamação dos ouvintes, chamando a atenção para a narrativa que se segue; e se encerra dirigindo-se mais uma vez ao público para que tome consciência da mensagem intendida. A estória não se apresenta, portanto, de forma gratuita, pois se refere primordialmente a uma advertência ou aviso de cunho moral: especificamente, contra a interferência parental na vida amorosa dos filhos.

Surge, aqui, porém, uma perplexidade, pois o suicídio não aparece no centro da problemática moral tratada pela balada. Ao contrário, ele é visto como a resultante das injustiças às quais a protagonista é submetida – de tal maneira eficaz, ou antes trágico que logra expô-las como tais e conferir o caráter de “lição” ao relato. O ato simboliza até mesmo uma forma de lealdade da dama para com seu verdadeiro amor, de modo que não é condenado moralmente dentro da narrativa.

¹ BURTON, R. *Loves Dovvn-fall* (1641-1674a), Londres. _____ *Loves Dovvnfall* (1641-1674b), Londres. COLES, F.; VERE, T.; WRIGHT, J.; CLARKE, J.; THACKERAY, W.; PASSINGER, T. *Loves Downfal* (1678-1680), Londres. THACKERAY, W.; PASSENGER, T.; WHITWOOD, W. *Loves Downfall* (1678), Londres.

² MCSHANE, Angela. “Ballads and Broad-sides”. In: RAYMOND, Joad (Ed.). *The Oxford History of Popular Print Culture. Vol. 1: Cheap Print in Britain and Ireland to 1660*. Oxford: Oxford University Press, 2011, pp. 344-345.

³ *Ibidem*, p. 341.

⁴ Esse adjetivo é utilizado aqui frouxamente do ponto de vista conceitual, por tocar em uma discussão mais longa e complexa, a ser abordada na segunda seção deste trabalho.

Afinal, o que o suicídio representa dentro da estrutura narrativa da balada? Qual é o sentido do ato nas estórias analisadas? E como esse gênero específico da cultura impressa se relaciona a essas narrativas? Isto é, como a particularidade desse formato documental, nomeadamente sua popularidade nos termos expostos acima, articula-se ao conteúdo das baladas?

Com efeito, não perder de vista a natureza material do corpo documental é uma cautela metodológica indispensável para não se incorrer em afirmações generalizantes e de pouca operatividade histórica. Examinando, por exemplo, a historiografia especializada sobre o suicídio, nota-se que o tratamento dado ao tema no período em evidência tende a se relacionar com a ideia do advento da modernidade na Europa sob a ótica de interpretações historiográficas mais tradicionais⁵. Nessa perspectiva, o suicídio é interpretado como mais uma engrenagem no processo de modernização europeia, ensejando, conseqüentemente, uma abordagem teórica preocupada mais com uma dada noção de estrutura na época em questão.

Esse problema foi destacado por perspectivas mais recentes na historiografia relativa ao suicídio e posto na ordem do dia no início desse milênio⁶. Certamente, tal debate não está acabado e suscita questões que extrapolam o âmbito do presente estudo; mas, de uma forma ou de outra, ele revela a necessidade de pesquisas que se preocupem em tencionar interpretações históricas generalizantes, enfocando, em contrapartida, o documento e suas narrativas várias sobre suicídio⁷. Partindo, então, dessa perspectiva de trabalho, a aproximação entre os estudos sobre cultura impressa popular e a historiografia sobre o suicídio há de se mostrar particularmente valiosa, pois, nas palavras de Chartier,

[...] quando o estudo sobre representações de práticas de leitura é cruzado com o estudo sobre artigos impressos como objetos materiais (o caminho seguido aqui), nós podemos talvez alcançar uma nova e melhor compreensão acerca de um importante fenômeno na história cultural ocidental, a distribuição em larga escala, e por uma variedade de usos, da palavra escrita tornada possível pela prensa de tipos móveis.⁸

⁵ Haja vista as obras de MACDONALD, Michael; MURPHY, Terence R. *Sleepless Souls: Suicide in Early Modern England*. Clarendon Press, 1991, e WATT, Jeffrey R. (Ed.). *From Sin to Insanity: Suicide in Early Modern Europe*. Cornell University Press, 2004. O contexto historiográfico, bem como as premissas e influências interpretativas desses trabalhos serão discutidas em pormenor na primeira seção.

⁶ Cf. MORRISSEY, Susan. *Suicide and the Body Politic in Imperial Russia*. Cambridge University Press, 2006, e HEALY, Róisín. "Suicide in Early Modern and Modern Europe". *The Historical Journal*, 49, pp. 903-919, 2006.

⁷ MORRISSEY, S. *Ibidem*, p. 7.

⁸ CHARTIER, Roger. "General Introduction: Print Culture", p. 9. In: CHARTIER, Roger (Ed.). *The Culture of Print. Power and the Uses of Print in Early Modern Europe*. Cambridge: Polity Press, 1989, tradução nossa: "[...] when the study of representations of reading practices is crossed with the study of printed pieces as material objects (the route followed here), we can perhaps reach a new and better comprehension

2 O SUICÍDIO NA EUROPA MODERNA: SÍNTESE HISTORIOGRÁFICA E PERSPECTIVAS

Operando em certo vácuo historiográfico, com trabalhos esparsos até a metade da década de 1980⁹, os historiadores encararam ainda um forte consenso sobre as causas e padrões do suicídio estabelecidos por Durkheim no nascimento da sociologia moderna, de acordo com sua obra *Le suicide*, de 1897. De acordo com ela, basicamente, as raízes do suicídio residiriam na relação do indivíduo com a sociedade em vez de fatores físicos, corporais ou ambientais, e sua crescente exposição à sociedade ao longo da vida. Admitindo um papel restrito à insanidade, Durkheim postulou a existência de motivos reais em grande parte dos casos de suicidas, ancorando-se em dados estatísticos oficiais que o permitiram instituir leis sociológicas gerais do suicídio em detrimento da inspiração individual do ato¹⁰.

Dessa forma, os historiadores dispunham de uma explicação esquemática do suicídio como um modelo geral, carecendo, porém, em sensibilidade à contextura histórica. Modelo esse assentado fortemente em estatísticas fabricadas pela burocracia de época, as quais, como a historiografia posterior haveria de questionar, revelam-se altamente problemáticas, diante de definições unilaterais de suicídio, variando de acordo com a conveniência oficial. Tais dados, portanto, não constituem por si mesmos uma fonte documental bastante para tratar o suicídio enquanto problema histórico, requerendo um cuidadoso olhar preocupado em historicizar o suicídio e seus significados a partir de um corpo documental mais amplo. Isso aponta, por sua vez, para outra limitação no trabalho de Durkheim: ele não se preocupa em investigar as significações sociais do suicídio nem reconhece suas variações ao longo do tempo¹¹.

Sofrendo de uma forte inércia historiográfica ao longo do século XX devido à duradoura influência da interpretação durkheimiana, os estudos históricos sobre o

of a major phenomenon in western cultural history, the distribution on a large scale and for a host of uses, of the written word made possible by the printing press”.

⁹ Conforme a valiosa síntese de HEALY, R. *Ibidem* p. 905: valendo mencionar brevemente as obras de Olive Anderson, *Suicide in Victorian and Edwardian England* (Oxford, 1987); Markus Schär, *Seelennöte der Untertanen:Selbstmord, Melancholie und Religion im alten Zürich, 1500–1800* (Zurich, 1985); Barbara T. Gates, *Victorian suicide: mad crimes and sad histories* (Princeton, 1988); Jeffrey Merrick, ‘Patterns and prosecution of suicide in eighteenth-century Paris’, *Historical Reflexions*, 16 (1989), pp. 1–53; e Dorinda Outram, ‘The body and the French Revolution’ (New Haven and London, 1989), pp. 68–105.

¹⁰ HEALY, R. *Ibidem*, p. 906.

¹¹ Cf. p. ex.: DOUGLAS, Jack. *The social meanings of suicide*. Princeton University Press, 1967.

suicídio podiam ser considerados ainda um “green field site”¹² no fim da década de 1980. A partir disso, Michael MacDonald e Terence R. Murphy publicam o livro *Sleepless Souls: Suicide in Early Modern England* (1990)¹³, que representaria um divisor de águas na pesquisa histórica sobre o suicídio.

Nessa obra, os autores abordam a história do suicídio como um complexo fenômeno social no início do período moderno, voltando-se para a prática e o significado sociais do ato. Assim, pondo em xeque a validade de estudos puramente estatísticos, eles se concentram na análise empírica de um espectro documental mais amplo, de forma a iluminar as atitudes em direção ao suicídio e suas representações culturais através de diferentes camadas sociais. Nessa direção, concluem que entre os anos de 1500 e 1800 a noção moderna de suicídio se desenvolve num largo processo, desvincilhando-se do sobrenatural e demoníaco, numa perspectiva secularizada, descriminalizada e medicalizada. Trata-se, de fato, da “modernização” do suicídio, compreendido na esteira de um processo mais abrangente de modernização da Europa e seus desdobramentos.

Essa linha interpretativa influenciou profundamente a historiografia posterior, a exemplo do livro organizado por Jeffrey R. Watt, *From Sin to Insanity: Suicide in Early Modern Europe*¹⁴ (2004). Pressupondo o suicídio como “um fenômeno construído que pode ser vivenciado e compreendido de maneiras radicalmente diferentes em diferentes culturas”¹⁵, a obra ambiciona investigá-lo através de contextos e perspectivas diversas, por meio de estudos de caso de variadas regiões da Europa ao longo da Idade Moderna. Dessa forma, esse conjunto de trabalhos se interligam na direção de indicar que

o período se alongando do Renascimento à era romântica testemunhou mudanças dramáticas no tratamento judicial do, nas atitudes populares em direção ao e na frequência do suicídio. Não é nenhum exagero dizer que o suicídio moderno foi um produto do início da Europa Moderna. Suicídio tal qual o conhecemos – descriminalizado, secularizado e medicalizado – havia se estabelecido entre os europeus até fins da década de 1700.¹⁶

¹² HEALY, R. *Ibidem*, p. 905, apud ANDERSON, Olive. *Suicide in Victorian and Edwardian England*. Clarendon Press, 1987, p. 425. Trata-se de um “campo de estudo verde” no sentido de que apresenta várias possibilidades de pesquisa ainda pouco exploradas e em aberto.

¹³ MACDONALD & MURPHY. *Ibidem*.

¹⁴ WATT, Jeffrey R. (Ed.). *From Sin to Insanity: Suicide in Early Modern Europe*. Cornell University Press, 2004.

¹⁵ WATT, Jeffrey R. “Introduction”, p. 3. In: WATT, J. R. (Ed.). *Ibidem*, tradução nossa: “a constructed phenomenon that can be experienced and understood in radically different ways in different cultures”.

¹⁶ *Ibidem*, p. 8, tradução nossa: “the period stretching from the Renaissance to the Romantic era witnessed dramatic changes in the judicial treatment of, popular attitudes toward, and frequency of suicide. It is no exaggeration to say that the modern suicide was a product of early Modern Europe. Suicide as we know it – descriminalized, secularized, and medicalized – had taken hold among Europeans by the late 1700s”.

MacDonald e Murphy, assim, estabelecem o paradigma da “secularização do suicídio”¹⁷, remetendo ao seu descolamento de visões religiosas, ao desenvolvimento de explicações calcadas em discursos social e médico sobre o ato e à crescente leniência de seu tratamento judicial, levando, finalmente, à sua descriminalização¹⁸. Nessa direção, extrapolam meramente uma história do suicídio, na medida em que essas viradas [shifts] nas respostas ao suicídio aparecem como indícios de mudanças fundamentais na sociedade europeia dos primórdios da modernidade – a saber, o processo de secularização e o surgimento da concepção moderna de indivíduo.

Essas transformações apresentariam ainda um denominador comum, um fator que perpassa ambas – em suma, um agente central que as possibilitou e catalisou, qual seja a profunda alteração nos modos de comunicação, nomeadamente, o advento da imprensa popular e suas “convenções literárias e pressuposições epistemológicas”¹⁹. Desse modo, a imprensa realizaria a conexão entre a “alta” (esclarecida, das elites) e a “baixa” (popular), permitindo a capilarização dos ideais do Iluminismo amplamente pela Europa e o triunfo da ciência e da razão em detrimento de visões pré-modernas sobre religião e suicídio²⁰.

Enfim, diante de uma escassez e certa inércia historiográfica, a narrativa da secularização do suicídio na modernidade foi responsável por reposicionar o problema em termos culturais e históricos. Voltou-se para suas representações e sentidos e como variaram historicamente, de modo que, posto no centro do processo histórico, tornou-se possível compreender o suicídio “dentro da complexa interação de desenvolvimentos religioso, político, legal, social, científico e cultural”²¹.

Essa perspectiva historiográfica, efetivamente, representa a tônica maior dos estudos sobre a modernidade e ganha respaldo na interpretação histórica clássica. Porém, ela também apresenta limitações para os estudos sobre o suicídio, uma vez que sugere uma evolução linear entre tradição (religiosa) e modernidade (secular), postuladas de forma estanque e a posteriori. Ao fim e ao cabo, oblitera-se a imbricação muito mais

¹⁷ Termo aparece pela primeira vez em ANDREW, Donna T. “The Secularization of Suicide in England 1660-1800”. *Past and Present*, 119, pp. 158-165, 1988.

¹⁸ MORRISSEY, Susan. “Introduction”, p. 4. In: *Suicide and the Body Politic in Imperial Russia*. Cambridge University Press, 2006.

¹⁹ MACDONALD & MURPHY. *Ibidem*, p. 302, tradução nossa: “literary conventions and epistemological assumptions”.

²⁰ CHAMPION, Justin. “Review: Sleepless Souls. Suicides in Early Modern England”, p. 110. *Literature & History*, v. 1, pp. 108-111, set. 1992.

²¹ MORRISSEY, S. *Ibidem*, p. 4, tradução nossa: “within the complex interplay of religious, political, social, scientific, and cultural developments”.

profunda e complexa entre o religioso e o secular durante o início e toda a Idade Moderna²².

Nesse sentido, Morrissey aponta para a necessidade de pesquisas históricas que busquem escapar a esse enquadramento normativo, investigando suas omissões e ambiguidades e explorando narrativas alternativas. Em suas palavras, “a idade moderna, portanto, tem sido caracterizada pelo conflito e diálogo entre autoridades e paradigmas concorrentes. Um resultado foi a criação de significados híbridos para o suicídio com novas práticas regulatórias”²³. A perspectiva proposta por Morrissey é de tal modo inspiradora e promissora que Healy, em sua valiosa síntese bibliográfica, conclui que

o termo ‘hibridização, proposto por Morrissey para descrever o gradual e contestado crescimento da leniência [em direção ao suicídio], merece substituir o termo mais velho ‘secularização’. É certamente claro que, apesar do domínio do Cristianismo como um sistema de crenças no início da e na Europa moderna, outras tradições – modelos clássicos mais antigos, crenças folclóricas, novas retratações literárias, ideologias comunista e fascista – competiram com ele para moldar as compreensões sobre suicídio dos Europeus.²⁴

3 CULTURA IMPRESSA POPULAR: BROADSIDE E BALLADS

À luz do estado da arte mais atual da historiografia sobre o suicídio, revela-se a necessidade de estudos empíricos no sentido de investigar as representações e discursos em torno dele, de forma a transcender a narrativa histórica tradicional sobre a modernidade. Nesse contexto, a aproximação com recentes estudos sobre a cultura impressa popular é de particular interesse, visto que toca diretamente nas fundações dessa interpretação, em que a invenção da prensa de tipos móveis figura como peça-chave no processo de modernização; e se presta a relativizá-la, chamando atenção para as nuances e complexidade do desenvolvimento dos meios de comunicação nos primórdios da Idade Moderna.

Com efeito, entre os anos de 1660 e 1700, materiais impressos haviam angariado papel de destaque no cotidiano de uma parcela significativa da população da Inglaterra e

²² Ibidem, pp. 5-6.

²³ Ibidem, p. 7, tradução nossa: “the modern era has thus been characterized by the conflict and dialogue between competing authorities and paradigms. One result has been the creation of hybrid meanings for suicide with new regulatory practices”.

²⁴ HEALY, R. Ibidem, p. 918, tradução nossa: “the term ‘hybridization’, proposed by Morrissey to describe the gradual and contested growth of leniency [towards suicide], deserves to replace the older term ‘secularization’. It is certainly clear that, despite the dominance of Christianity as a belief system in early modern and modern Europe, other tradition – older classical models, folkloric beliefs, new literary depictions, communist and fascist ideologies – competed with it to shape Europeans’ understanding of suicide”.

do País de Gales, representando um artefato largamente difundido pela cultura e sociedade, direta e indiretamente. Além do mais, constituíam importante commodity: em termos estatísticos, é possível identificar um crescimento gradual na produção de materiais impressos entre 1500 e 1640 – ainda que com algumas flutuações, que não invalidam, no entanto, essa tendência geral, refletindo eventos e conjunturas específicas –, com um notado impulso na produção de livros a partir de 1641²⁵.

Conquanto elucidativos e importante fonte empírica, é necessário ir além do estudo quantitativo ao se abordar o impacto da imprensa de tipos móveis na modernidade, posto se tratar antes de um processo de mudança estrutural, anterior inclusive a expressões quantitativas mais notáveis. Efetivamente, seguindo a definição dual de Chartier, trata-se de investigar “as profundas transformações que a descoberta e então o uso extensivo da nova técnica de reprodução de textos trouxe para todos os domínios da vida, público e privado, espiritual e material”, bem como “o conjunto de novos atos surgindo a partir da produção de escrita e imagens de uma nova forma”²⁶.

De fato, os desdobramentos da impressão na sociedade inglesa do início da modernidade foram profundos a partir de possibilidades inéditas de circulação e quantidade de escritos e dos custos e tempo envolvidos em sua produção. Primeiramente, assiste-se ao desenvolvimento comercial da venda de livros no Reino Unido, juntamente com a ampliação da produção impressa – da década de 1500 à de 1650, os livros impressos no Reino Unido ou em inglês passam de 439 para 16.523²⁷; e o número de publicações aumentou de 79 para 280 durante o período Elisabetano (1559-1602)²⁸.

Essa expansão produtiva, por sua vez, aponta para o desenvolvimento *pari passu* de redes efetivas de distribuição oficiais e clandestinas que, no caso inglês, possibilitavam a difusão de materiais impressos através do país, transcendendo mesmo a dicotomia simplista cidade-campo²⁹. Ora, o processo da distribuição da impressão é radicalmente

²⁵ RAYMOND, Joad. “The Origins of Popular Print Culture”, pp. 11-12. In: RAYMOND, Joad (Ed.). *The Oxford History of Popular Print Culture*. Vol. 1: Cheap Print in Britain and Ireland to 1660. Oxford: Oxford University Press, 2011.

²⁶ CHARTIER, R. *Ibidem*, p. 1, tradução nossa: ““the profound transformations that the discovery and then the extend use of the new technique for the reproduction of texts brought to all domain of life, public and private, spiritual and material”; “the set of new acts arising out of the production of writing and pictures in a new form”.

²⁷ RAYMOND, J. *Ibidem*, p. 2.

²⁸ FARMER, Alan B.; LESSER, Zachary. “What is Print Popularity? A Map of the Elizabethan Book Trade”, p. 24. In: KESSON, Andy; SMITH, Emma (Eds.). *The Elizabethan Top Ten. Defining Print Popularity in Early Modern England*. Farnham: Ashgate, 2013.

²⁹ WATT, Tessa. *Cheap Print and Popular Piety 1550-1640*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, pp. 5-6.

multidirecional e dinâmico, ocorrendo através realidade complexa e diversificada não apenas geograficamente, mas principalmente em suas veredas social, cultural, material e social; trata-se, pois, de uma preocupação com sentido da distribuição, para além de sua implicação meramente geográfica, enquanto categoria de agente. Posto de outra forma,

a distribuição não era meramente um fenômeno mecânico, mas também um processo carregado com significados que foram vivenciados pelos transportadores e receptores dos livros. Esses significados e essas vivências não eram incidentais para as redes de distribuição, mas inteiramente uma parte delas, definindo e mudando seus contornos.³⁰

Afinal, a impressão não representava o exclusivo meio de comunicação do período, nem seu aparecimento significou a obsolescência e bancarrota a todos os demais meios “concorrentes”. Ao contrário, ela se desenvolveu correlacionando-se a uma rede maior de comunicações e a outros media, mostrando sua eficácia social justamente por sua conectividade³¹ – revelando-se, aqui, seu caráter fortemente interativo e coesivo em um contexto social mais amplo, enquanto “uma cultura compartilhada’ [que] foi disseminada ao longo de linhas de comunicação que conectaram o país, tanto socialmente quanto geograficamente”³². Em suma,

[i]tens impressos existiram em relação a uma rede, e essa rede forneceu a base econômica da produção e distribuição da impressão, mas também deu a ela seus significados e sua vida social.

A impressão ofereceu alternativas a formas mais velhas de comunicação, mas também se desenvolveu ao lado delas e as transformou [...] como parte de um conjunto muito mais rico de conexões interpessoais que impressor-vendedor-leitor, como parte de um panorama comunicativo que se estende para além do doméstico e urbano até o transnacional, mas que ainda assim molda a experiência do local.³³

³⁰ HARMS, Roeland; RAYMOND, Joad; SALMAN, Jeroen (Ed.). *Not Dead Things: The Dissemination of Popular Print in England and Wales, Italy, and the Low Countries, 1500-1820*. New York: Brill, 2013, p. 4, tradução nossa: “distribution was not merely a mechanical phenomenon but also a process laden with meanings that were experienced by the movers and recipients of books. These meanings and these experiences were not incidental to the distribution networks but fully a part of them, defining and mutating their contours”.

³¹ RAYMOND, J. *Ibidem*, p. 9.

³² WATT, T. *Ibidem*, p. 5, tradução nossa: “shared culture” [that] was disseminated along lines of communication which connected the country, both socially and geographically”.

³³ RAYMOND, J. *Ibidem*, p. 10, tradução nossa: “[p]rinted items existed in relation to a network, and that network provided the economic basis of the production and distribution of print, but also gave it its meaning and its social life. / Print offered alternatives to older forms of communications, but also developed alongside and transformed them [...] as part of a much richer set of interpersonal connections than printer-bookseller-reader, as part of a communicative landscape that extends beyond the domestic and urban into the transnational, but which nonetheless shapes the experience of the local”.

Além disso, o aumento das dimensões produtivas e distributivas da impressão se relaciona a uma expansão da demanda por produtos impressos, ao passo da difusão social de seu consumo e da leitura – dir-se-ia da “popularização” da cultura impressa³⁴. Encontra-se aqui, todavia, um problema conceitual importantíssimo no tratamento historiográfico do tema, uma vez que a definição de popular constitui uma chave de leitura central e determinante na interpretação histórica da modernidade.

Nesse sentido, o primeiro cuidado que se deve tomar é com relação a definições simplistas da cultura impressa, contrapondo de forma dicotômica “alta” versus “baixa” cultura – na esteira, aliás, de pressuposições generalizantes e verticais acerca de grupos sociais, a saber, “elite” e “população”. Essa visão, com efeito, fundamenta-se em algumas premissas enganosas, como bem elucida Chartier:

primeiro, que é possível estabelecer relações exclusivas entre formas culturais específicas e grupos sociais particulares; segundo, que as variadas culturas existentes em uma dada sociedade são suficientemente puras, homogêneas e distintas para permitir que sejam caracterizadas uniforme e inequivocamente; e terceiro, que a categoria de ‘o povo’ ou ‘o popular’ possui suficiente coerência e estabilidade para definir uma identidade social distinta que pode ser usada para organizar diferenças culturais em épocas passadas de acordo com a simples oposição entre *populaire* e *savant*.³⁵

Dessa maneira, é necessário levar em conta a multifacetada realidade da sociedade inglesa no período moderno, atravessada por diversas hierarquias sociais, tanto verticais quanto horizontais³⁶. Nesse contexto, embora em um cenário de estratificações sociais e identidades culturais várias, elas inter-relacionam-se de modo dinâmico, não apenas pelo conflito e pela divisão, mas também por um elevado grau de confluência³⁷. Logo, há que se olhar para como essas sobreposições compõem um todo maior – isto é, a cultura popular: o sistema unificado de práticas e valores compartilhados e de performances e objetos que os materializam, veiculam e exprimem³⁸. A cultura popular aparece, portanto,

³⁴ Ibidem, p.2.

³⁵ FARMER & LESSER, Ibidem, p. 19, apud CHARTIER, R., *The Cultural Uses of Print in Early Modern France*, Tradução de Lydia G. Cochrane. Princeton: Princeton University Press, 1987, p. 3, tradução nossa: “first, that it is possible to establish exclusive relationships between specific cultural forms and particular social groups; second, that the various cultures existing in a given society are sufficiently pure, homogeneous and distinct to permit them to be characterized uniformly and unequivocally; and third, that the category of ‘the people’ or the ‘popular’ has sufficient coherence and stability to define a distinct social identity that can be used to organize cultural differences in past ages according to the simple opposition of *populaire* versus *savant*”.

³⁶ Cf. HARRIS, Tim. “The problem of ‘popular political culture’ in seventeenth-century London”. *History of European Ideas*, 10, pp. 43-58, 1989.

³⁷ RAYMOND, J. Ibidem, p. 11.

³⁸ Cf. SCRIBNER, B. “Is a history of popular culture possible?”. *History of European Ideas*, 10, pp. 175-191, 1989.

como múltipla antes que singular, como “um mosaico composto por fragmentos em mutação e frequentemente contraditórios”³⁹, representando, mais que uma série de textos e materiais impressos, “o diálogo social e as mediações de experiências, que esses objetos possibilitaram”⁴⁰.

O broadside, por sua vez, constitui um amplo e plástico gênero documental, definido a partir de sua natureza material, isto é, uma publicação de uma única página e impressa em face única, frequentemente de grande formato, variando grandemente em tamanho e qualidade – grosseiramente de 66 por 44 cm a 8 por 24 cm. Apesar de efêmero, o broadside teve um papel duradouro e consistente na economia impressa, constituindo importante fonte de renda para seus editores e representando, talvez, a maior proporção de produtos impressos no mercado. A exemplo disso, ballads e hornbooks, estima-se, foram vendidos em dezenas de milhares, enquanto que outras impressões em folha única [single-sheet itens] aos milhares⁴¹.

Assim, aponta-se sua capacidade de atingir amplas e variadas camadas da sociedade, ou melhor, sua dimensão eminentemente pública, desempenhando papel fundamental na definição de identidades social, cultural, religiosa e política no início da modernidade, estabelecendo uma conexão entre tradições da cultura oral, visual e literária, numa das formas mais populares de produtos impressos. Dessa forma, propiciavam a aglutinação de pessoas em espaços públicos para o compartilhamento de informação e entretenimento, instigando o debate público e um olhar crítico sobre o social, político e religioso, bem como oferecendo exemplos literários e veículos de expressão para aqueles sem capital cultural⁴².

A literatura de broadside possui ampla variedade temática, estilística e formal. Ela podia ser motivada por interesses oficiais e propósitos pessoais, resultando em peças encomendadas, como indulgências, proclamações, declarações e instruções – voltadas primariamente não para o lucro, senão para os interesses e a autoridade de setores superiores da sociedade. Contudo, pode-se apontar para a primazia de produtos especulativos, voltados para a produção de mercado ou de varejo, como single-sheet

³⁹ WATT, T. *Ibidem*, p. 3, tradução nossa: “a mosaic made up of changing and often contradictory fragments”.

⁴⁰ RAYMOND, J. *Ibidem*, p. 12, tradução nossa: “the social dialogue, and the mediations of experience, that these objects facilitated”.

⁴¹ MCSHANE, Angela. “Ballads and BroadSides”, pp. 344-345. In: RAYMOND, J. (Ed.). *Ibidem*.

⁴² *Ibidem*, p. 341.

‘ABC’ ou hornbooks, sheet-almanacs, poemas, anúncios, músicas, broadsides pictóricos, itens decorativos e as baladas⁴³.

A balada, por sua vez, é tida como o exemplo clássico da literatura popular de larga venda de broadside, em constante contato com a opinião pública e a cultura cotidiana, apresentando uma infinidade de temas, subgêneros e audiências – ela figura notadamente como importante elemento de decoração e entretenimento em espaços fechados e é amiúde usada como presente. Seu preço costumeiro variava entre meio e um penny, ao passo que uma balada subversiva poderia custar entre dois e seis pennies nos séculos XVI e XVII⁴⁴.

Ainda, sua dimensão comum era metade de uma folha inteira (66 por 44 cm), ou seja, de 33 por 22 cm, possibilitando cerca de mil baladas por impressão [ream]. Aliás, o peso das baladas na cultura impressa do início da época moderna pode ser dimensionado pelo fato de elas somarem de um quarto a um terço de todas as publicações listadas na Stationers’ Register – valendo mencionar que, durante os séculos XVI e XVII, assiste-se a uma diminuição nas baladas de temática divina, enquanto que baladas relativas a músicas de amor e “questões de estado” se tornam francamente comuns e constituem parte expressiva de sua produção⁴⁵.

Ela pode ainda ser dividida em duas espécies: primeira, a white-letter ballad, impressa em tipo romano e em papel de melhor qualidade e usada sobretudo para fins de sátiras políticas, com propósitos menos de lucro do que de persuasão, mesmo que em média fosse mais barata; voltando-se frequentemente para estratos sociais superiores e inscrevendo-se num código literário de difícil acesso ao grande povo, numa apropriação e paródia da “balada tradicional”. Por sua vez, a segunda espécie, que mais nos diz respeito aqui, é a black-letter ballad, a qual se voltava principalmente para o lucro e, embora entre uma das mais baratas formas de impressão e de indubitável acessibilidade e popularidade, era relativamente cara de se produzir e comprar⁴⁶.

A qualidade de sua impressão era menor em comparação à white-letter ballad, feita também em papel de menor qualidade e dimensão, possuindo frequentes vezes xilografuras decorativas e ilustrativas, num formato de balada de três até cinco colunas, dividindo-se convencionalmente em duas partes ou, às vezes, em duas baladas menores.

⁴³ Ibidem, pp. 341-342.

⁴⁴ Ibidem, p. 347.

⁴⁵ Ibidem, p. 344.

⁴⁶ Ibidem, pp. 357-359.

Ademais, apesar de possuírem um estilo e conteúdo bastante diretos e em certo sentido simples devido a sua proximidade com a transmissão oral de músicas, black-letter ballads não se divorciavam da “alta” cultura, deixando-se influenciar por modelos e alusões clássicas da poesia, na medida em que o objetivo maior de seus editores era estabelecer um clássico, visando transformar seus eventos inspiradores em músicas que perdurassem a mera novidade deles e possibilitando futuras reimpressões⁴⁷.

Em suma, as broadside ballads, especificamente essas de cunho mais de mercado, aparecem como produtos impressos baratos e acessíveis, relacionando-se às preferências populares e suas mudanças. Elas aparecem, pois, como gênero privilegiado para acessar o “dia a dia” do povo comum e explorar questões relativas ao letramento⁴⁸ na tenra idade moderna. Semelhantemente, haja vista sua profusão e circulação, funcionaram como meio de articulação e disseminação de ideias religiosas, sociais e políticas e construção de identidades em diversos níveis da sociedade.

Nesse sentido, o presente trabalho ambiciona contestar uma investigação documental sobre as representações e narrativas sobre o suicídio nesse gênero – sem perder de vista sua dimensão material, no contexto da cultura impressa – com a interpretação historiográfica sobre o surgimento da concepção moderna de suicídio mencionada no início. Além disso, busca-se analisar o meio pelo qual se propagavam percepções distintas sobre tal fenômeno, bem como num esforço de remontar seu significado cultural e diversas associações valorativas em cada época. Desse modo, mapeando as diferentes narrativas acerca do suicídio, será possível estabelecer uma tônica dominante em termos de representação? Em que extensão e de que forma isso se relaciona à ideia moderna de suicídio?

4 CORPUS DOCUMENTAL: APRESENTAÇÃO E BREVE ANÁLISE

Em se tratando de um gênero específico da cultura impressa, então, segue-se a proposta de pesquisa sugerida por Chartier⁴⁹, de modo a priorizar o particular em

⁴⁷ Ibidem, pp. 359-362.

⁴⁸ Cabem, aqui, algumas palavras a respeito da dificuldade em traduzir o conceito de *literacy*: refere-se às capacidades de ler e escrever de um modo mais amplo, diferentemente da alfabetização, que remete ao aprendizado sistematizado de uma língua. Opta-se, pois, pelo vocábulo *letramento*, compreendido como um conjunto de práticas sociais variadas, conforme o domínio da vida em que se insere. Decorre daí que o letramento é um fenômeno social múltiplo e deve ser entendido como um espectro, em detrimento de um binarismo simplista letrado-iletrado, cf. BARTON, David; HAMILTON, Mary, “Literacy Practices”. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIČ, Roz (Eds.). *Situated Literacies: Reading and Writing in Context*, pp. 7-8, 2000. Em suma, trata-se, antes de tudo, de historicizar a leitura e escrita enquanto práticas sociais.

⁴⁹ CHARTIER, R. Ibidem, p. 3.

detrimento de generalizações preconcebidas, a partir de um estudo de caso – ou melhor, de um objeto, em toda sua concretude e materialidade, buscando reconstruir os usos e os significados da documentação dentro de seu contexto particular e local.

O corpus documental da pesquisa é composto por dezoito baladas disponíveis na Broadside Ballads Online from the Bodleian Libraries, que se mostrou a ferramenta de busca mais completa para tal propósito, dispensando outros sites semelhantes. Nesse levantamento documental, três recortes essenciais guiaram sua seleção: i) lógico, dizendo respeito ao gênero da balada cuja temática central recai, de uma forma ou de outra, sobre o suicídio; ii) espacial, limitando-se à Inglaterra, nomeadamente Londres (15), Newcastle (1), Bath (1), Coventry (1), Liverpool (1) e Manchester (1); e iii) temporal, compreendendo os anos entre 1641 e 1797, da publicação da primeira balada sobre suicídio no acervo até a última dentro do século XVIII, de modo a abarcar o período histórico de surgimento do suicídio moderno, de acordo com o “paradigma da secularização”.

Aqui, contudo, há que se apontar algumas limitações e problematizações desse corpo documental. Ora, se as baladas representam um gênero de grande expressão quantitativa no período em questão, não seria essa amostra documental – de apenas dezoito documentos dentre milhares – demasiadamente pequena para se portar como ilustrativa em relação ao suicídio? Em adição a isso, é necessário guardar em mente que a preservação de broadsides e sua chegada à contemporaneidade são muito problemáticas e duvidosas, visto que se devem ao mero acidente, geralmente em descartes e reutilizações editoriais, ou a práticas de coleção bastante inconstantes, de acordo com cada época e com cada predileção estética particular, amiúde destrutivas. Há, aliás, um agravante: a escassez de evidências externas, ou seja, registros minuciosos que viessem a dar conta do enorme volume de produção desse gênero. “Consequentemente, acessar a popularidade, a tipicidade ou a mudança ao longo do tempo nos níveis de produção, no conteúdo ou na forma pode ser apenas tentativa na melhor das hipóteses”⁵⁰.

Partindo da leitura sistemática das fontes, buscou-se aferir a existência (ou não) de um certo padrão entre os documentos, de forma que se possa estabelecer comparações e mudanças entre eles e realçar características predominantes ao longo do tempo, por meio da sistematização e descrição minuciosa de aspectos tanto morfológicos quanto hermenêuticos. Assim, com a atenção voltada para mudanças textuais e editoriais, é

⁵⁰ MCSHANE, A. *Ibidem*, p. 343, tradução nossa: “Consequently, assessing popularity, typicality, or change over time of production levels, content, or form can be only tentative at best.”

possível inventariar as variantes que inserem novos significados e usos do artefato, visando compreender o “processo da construção de significado pelo qual leitores diversamente apropriaram o objeto de sua leitura”⁵¹. Como estratégia hermenêutica, estabeleceram-se cinco perguntas norteadoras na comparação documental, refletindo questões recorrentes nas baladas e fundamentais para sua interpretação de forma serial. As perguntas tratam da caracterização do ato do suicídio em si, das personagens envolvidas e suas motivações, das consequências sociais em decorrência do ato e do julgamento moral sobre ele. Ou, de forma esquemática, quem se suicida? Como se suicida? Por que se suicida? Qual o impacto do suicídio na sociedade? E qual a mensagem ou julgamento moral em torno do suicídio?

À exceção de uma, em todas as baladas o suicídio está relacionado a questões amorosas, envolvendo homens e mulheres geralmente jovens e virtuosos, desesperados ou desiludidos com o amor. Isso se origina, de um lado, da relação dos amantes com seus pais e, de outro, da relação mesma entre os amantes. Dessa forma, reunindo narrativas semelhantes no que diz respeito aos motes e linhas centrais, principalmente à motivação do suicídio e a mensagem moral em torno dele, adota-se como estratégia heurística a análise de baladas em conjuntos

De um lado, a principal motivação que aparece, contando com sete casos⁵², inclusive com quatro títulos iguais, para o suicídio liga-se à ação parental na interdição da realização do amor dos jovens amantes. Nesse contexto, o ato do suicídio leva ao arrependimento dos pais, expressando uma lição moral contra sua tirania e ganância (ligada a condições sociais assimétrica), além de uma preocupação com as preferências dos filhos em assuntos amorosos.

De outro lado, é possível distinguir ainda duas tônicas que centram o motivo do suicídio na própria relação entre os amantes: a primeira, contando com cinco baladas⁵³, diz respeito à ação e conduta imprópria de um dos amantes. A motivação do suicídio

⁵¹ CHARTIER, R. *Ibidem*, p. 4, tradução nossa: “process of the construction of meaning by which readers diversely appropriate the object of their reading.”

⁵² BURTON, R. *Loves Downfall* (1641-1674a), Londres. _____, *Loves Downfall* (1641-1674b), Londres. BROOKSBY, P. *The London Damsels fate by unjust Tyrany: Or, the Rash Lover* (1672-1696), Londres. COLES, F.; VERE, T.; WRIGHT, J.; CLARKE, J.; THACKERAY, W.; PASSINGER, T. *Loves Downfall* (1678-1680), Londres. THACKERAY, W.; PASSENGER, T.; WHITWOOD, W. *Loves Downfall* (1678), Londres. WHITE, J. *The Covetous Old Mother; Or, The terrible Overthrow of Two Loyal Lovers* (1711-1769), Newcastle. THOMPSON, G. *William and Diana* (1789-1820), Liverpool.

⁵³ DEACON, J. *Loves lamentable Tragedy* (1671-1704), Londres. BACK, J. *The Damosels Tragedy: or, True Love in Distress* (1682-1703), Londres. DICEY, W. AND C. *The Oxfordshire Tragedy; Or, The Death of Four Lovers* (1736- 1763), Londres. THE Durham Tragedy. *A Warning-Piece to all Young Ladies* (1784-1807), Londres. JENNINGS, J. *Bateman’s tragedy* (1790-1840), Londres.

reside, então, na falsidade, evasão, engano e rejeição de uma das partes, ocasionando o arrependimento e a conscientização moral do outro, muitas vezes assombrado pela aparição do suicidado, culminando ou não em um segundo suicídio. Destaca-se aqui dimensão da redenção moral do amante “injusto” ou “cruel” por meio de seu próprio suicídio.

A segunda tônica, em três ocorrências⁵⁴, relaciona o suicídio à impossibilidade da realização terrena do amor e à reunião dos amantes na morte. Diante da perda do amado por morte natural, o suicídio constitui não apenas uma libertação da dor, mas também a possibilidade de comunhão amorosa na vida após a morte, louvando o ato como uma prova, mesmo que trágica, da lealdade do amor.

Há, ainda, três ocasiões que merecem menções mais detidas e individualizadas, justamente devido à sua particularidade temática. Em Marshall, White e Hazard⁵⁵, a causa do suicídio de Molly remete à falsa promessa de casamento de Richard, que a rejeita em seguida juntamente com seu filho. Depois disso, Molly, morta, atormenta e assombra seu amado, levando-o a uma vida mais desregrada e abreviando seu fim. A mensagem do relato, porém, centra-se antes no perigo e na moralização de uma vida hedonista, imediatista e pecaminosa do que na irresponsabilidade e deslealdade no amor.

Em Turner⁵⁶, o enredo envolve não apenas uma problemática amorosa na realização do suicídio, como também está presente a influência demoníaca no ato. Aqui, uma moça justa e charmosa (“charming maiden fair”) mata-se com um canivete (“penknife”) em seu coração, em consequência da falsa promessa de casamento, evasão e desdém de seu amado, um capitão. Ela então procura vingança por meio de um acordo com o diabo, que a engana requerendo sua alma; arrependida e desolada, ela perde a fé e se mata, de modo que seus pais são deixados em profundo sofrimento pela perda da filha, e o capitão é atormentado em seus sonhos e assombrado pela morta que, finalmente, o arrasta para o mar e logra vingar-se. Assim, a advertência moral presente na estória está na importância tanto da lealdade e do compromisso no amor quanto na necessidade da fé e confiança em Deus.

⁵⁴ VERE, T. *The faithful Lovers downfall: or, The Death of Fair Phillis Who Killed her self for loss of her Philander* (1644-1680), Londres. JENNINGS, J. *Sequel to Maria* (1790-1840), Londres. SWINDELLS, J. *Fair Maria* (1796-1853), Manchester.

⁵⁵ MARSHALL, J.; WHITE, R.; HAZARD, S. R. *Robert and Richard; or, The Ghost of poor Molly, who was drowned in Richard's Mill Pond* (1796), Bath, Londres, Londres.

⁵⁶ TURNER, J. *The Plymouth Tragedy* (1797-1846), Coventry.

Por fim, em Gilbertson⁵⁷, embora a qualidade e legibilidade da digitalização da fonte não lhe permitem a leitura integral, é possível identificar o relato do suicídio de George Gibbs, um jovem lenhador [Sawyer]. Essa balada é especialmente interessante, pois se trata de o único suicídio com motivações exclusivamente sobrenaturais: “being many times tempted by the Divill to destroy himselfe, [...] most cruelly Ripp up his own Belly, and pull’d out his Bowells and Guts, and cut them in pieces”⁵⁸. O evento causa grande choque naqueles que presenciaram o ato e grande tristeza a seus amigos e sua recente esposa, de modo que a lição essencial da estória é que se deve rezar continuamente para Deus e não confiar demasiado em sua própria força, temendo a tentação demoníaca.

O suicídio aparece representado nessas baladas com uma evidente função moralizadora, suscitando a dimensão do arrependimento e da lição moral naqueles que o motivaram, em vez de se preocupar com a reprovação do ato em si. O julgamento moral sobre o suicídio constitui, na maioria das vezes, um aviso aos jovens sobre a importância da lealdade e do comprometimento no amor, e um aviso aos pais contra a tirania e a negligência com os sentimentos e desejos dos filhos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise documental aponta para narrativas sobre o suicídio mais relativizadas entre meados do século XVII e fins do XVIII. Evidentemente, é preciso ter cuidado para não se fazerem afirmações generalizantes a respeito da função do suicídio por se tratar de um corpus demasiado restrito para se poder afirmar algo de grande impacto interpretativo. De qualquer forma, porém, é seguro dizer que as narrativas aqui abordadas não se limitam a representações ligadas ao sobrenatural e demoníaco nem apresentam uma tendência a uma perspectiva mais secularizada, tal como o paradigma da “secularização do suicídio” sugeriria – aliás, em nenhum momento elas parecem sustentar essa interpretação, senão apresentar maiores tensões e problemas a essa historiografia clássica.

Deve-se apontar, uma vez mais, que sérias lacunas se interpõem na construção de um corpo documental mais amplo de baladas relativas ao suicídio, que dizem respeito à efemeridade do documento do ponto de vista material e a práticas de colecionismo em grande parte responsáveis pela sua preservação. Sendo assim, não é possível almejar a um entendimento da representatividade temática do corpus examinado no universo de

⁵⁷ GILBERTSON, W. *The Divills cruelty to Mankind. Being a true Relation of the Life and Death of George Gibbs* (1662), Londres

⁵⁸ *Ibidem.*

baladas como um todo. Além disso, é necessário manter em vista a circunscrição da análise a seus limites cronológico, espacial e tipológico do corpo documental, evitando extrapolar a interpretação a juízos históricos pretensiosos e, em última instância, vazios.

Nesse sentido, tendo por referência esse pequeno universo documental examinado, não se ambiciona tratar do suicídio na modernidade em toda sua amplitude. Interessa, antes, investigar as representações sobre o suicídio no âmbito desse gênero documental, nomeadamente sua dimensão pública ou popular. Nesse contexto, é notável que todas as baladas veiculam uma mensagem de cunho exemplar⁵⁹, incitando os ouvintes a evitarem certas condutas, haja vista as tragédias narradas.

O que confere, por sua vez, o caráter trágico às baladas é, a rigor, o suicídio. Contudo, embora apresentem narrativas díspares sobre ele, as baladas não se resumem a recriminar o ato. Ocorre, amiúde, o contrário: ele pode ser exaltado como uma ação quase heroica diante de injustiças, um ato nobre e virtuoso que leva ao reencontro do ser amado, ou até uma forma de redenção. O suicídio em si não parece ser a categoria moral posta em questão nessas baladas, ao menos não primariamente. Com efeito, o ato em si mesmo não é condenado moralmente de modo direto, ou seja, não é propriamente a moralidade do suicídio que está em jogo quando ele surge na narrativa. Seu papel, como se argumentou na análise, é outro: ele representa a situação limite de personagens em uma conjuntura vista como injusta e a única forma de revolta ou restauração possível.

Assim, a representação e a dramatização do suicídio se dão na direção de potencializar uma outra mensagem moral, o que elide o julgamento do ato ele mesmo. O suicídio, então, surge como uma reação radical a uma determinada injustiça que impacta a sociedade brutalmente e possui um poder reparador duplo: diretamente, dentro da narrativa mesma, por meio da conscientização das personagens envolvidas, que mudam radicalmente de postura (resultando muitas vezes em outros suicídios); indiretamente,

⁵⁹ Exemplar não em sua acepção corriqueira, mas como uma “estória ilustrativa” (“illustrative story”), seguindo a definição conceitual proposta pela primeira vez por Thomas Frederick Crane e retomada por Claude Brémont, Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt em *L’«Exemplum»*. *Typologie des sources du Moyen Âge occidental*, n. 40, Turnhout: Brepols, p. 27. Com efeito, há uma vasta literatura a respeito da exemplaridade na história Ocidental, que infelizmente extrapola o escopo deste artigo, mas que certamente apresenta-se como caminho a ser trilhado em futuras pesquisas. Aqui, contenta-se em apontar brevemente as raízes do exemplum na teoria retórica antiga – notadamente em Aristóteles, Cícero e Quintiliano – como figura de linguagem voltada à persuasão (persuasio), cf. BRÉMOND, Claude; LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Ibidem*, pp. 43-44. Na Idade Média, o exemplum é usado amplamente, constituindo “uma narrativa breve dada como verdadeira e destinada a ser inserida em um discurso (em geral, um sermão) para convencer um público por uma lição salutar”. *Ibidem*, pp. 37-38, tradução nossa: “un récit bref donné comme véridique et destiné à être inséré dans un discours (em général un sermon) pour convaincre un auditoire par une leçon salutaire”.

narrativa afora, na medida em que o suicídio se apresenta como um aviso ou uma mensagem não contra o próprio ato, senão contra uma certa postura moral, tida como repreensível.

Ele confere força moral à mensagem veiculada pela balada. Afinal, tal transgressão ou postura é tão grave que pode levar ao suicídio de outrem e deve, portanto, ser evitada a todo custo. As atitudes postas como imorais só são percebidas como tais após causarem o suicídio, na medida em que seu impacto direto é a conscientização radical das personagens tidas como responsáveis. E a lição moral é reforçada, ainda, pela dramaticidade da descrição do ato e do estado do suicida, de modo a causar comoção e compaixão nos leitores. O suicídio, em última instância, aparece antes como uma categoria exemplar nas baladas, conferindo a sustentação moral da mensagem propagada.

O exemplo é mais do que um mero recurso estilístico: ele estabelece uma relação entre indivíduo e determinadas fontes de saber⁶⁰. Ora, as figuras exemplares apresentam-se como guias de ação para a vida pública, oferecendo modelos, ícones que norteiam a constituição do sujeito⁶¹. A questão da exemplaridade, portanto, implica o entendimento do ser em termos narrativos, com a função de promover um dado processo de socialização⁶². Nas palavras de Hampton, “[a] história da exemplaridade é, pois, também, em alguma medida, uma história das representações do ser”⁶³.

⁶⁰ LYONS, John D. *Exemplum: The Rhetoric of Example in Early Modern France and Italy*. Princeton: Princeton Legacy Library, 1989, p. 237.

⁶¹ HAMPTON, Timothy. *Writing from History: The Rhetoric of Exemplarity in Renaissance Literature*. Cornell University Press, 1990, pp. x-xi.

⁶² *Ibidem*, p. 29.

⁶³ *Ibidem*, p. xi, tradução nossa: “[t]he history of exemplarity is thus also, on one level, a history of figurations of the self”.

REFERÊNCIAS

Fontes⁶⁴

BURTON, R. Loves down-fall (1641-1674a), Londres.

_____. Loves downfall (1641-1674b), Londres.

VERE, T. The faithful lovers downfal: or, The death of fair Phillis who killed her self for loss of her Philander (1644-1680), Londres.

GILBERTSON, W. The divils cruelty to mankind. Being a true relation of the life and death of George Gibbs (1662), Londres.

DEACON, J. Loves lamentable tragedy (1671-1704), Londres.

_____. The dying damsels doleful destiny: or, True love requited with evil (1671-1704), Londres.

BROOKSBY, P. The London damsels fate by unjust tyranny: or, The rash lover (1672-1696), Londres.

CLARKE, J.; COLES, F.; PASSINGER, T.; THACKERAY, W; VERE, T.; WRIGHT, J. Loves downfall (1678-1680), Londres.

THACKERAY, W. Loves downfall (1678), Londres.

BACK, J. The damosels tragedy: or, True love in distress (1682-1703). Londres.

WHITE, J. The covetous old mother; or, The terrible overthrow of two loyal lovers (1711-1769), Newcastle.

DICEY, W. AND C. The Oxfordshire tragedy; or, The death of four lovers (1736- 1763), Londres.

THE Durham tragedy. A warning-piece to all young ladies (1784-1807), Londres.

THOMPSON, G. William and Diana (1789-1820), Liverpool.

JENNINGS, J. Sequel to Maria (1790-1840), Londres.

_____. Bateman's tragedy (1790-1840), Londres.

HAZARD, S.; MARSHALL, J.; WHITE, R. Robert and Richard; or, The ghost of poor Mary, who was drowned in Richard's mill pond (1796), Bath, Londres, Londres.

SWINDELLS, J. Fair Maria (1796-1853), Manchester.

TURNER, J. The Plymouth tragedy (1797-1846), Coventry.

⁶⁴ As fontes estão disponíveis em Broadside Ballads Online from the Bodleian Libraries (<http://ballads.bodleian.ox.ac.uk/>) e aparecem abaixo em ordem cronológica.

Bibliografia

ANDERSON, Olive. *Suicide in Victorian and Edwardian England*. Clarendon Press, 1987.

BARTON, David; HAMILTON, Mary. "Literacy Practices". In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANOVIC, ROZ. *Situated Literacies: Reading and Writing in Context*. Routledge, 2000.

BRANCACCIO, Maria Teresa; ENGSTROM, Eric J.; LEDERER, David. "The Politics of Suicide: Historical Perspectives on Suicidology before Durkheim. An Introduction," *Journal of Social History*, n. 46, pp. 607-619, 2013.

BRÉMOND, Claude; LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *L'«Exemplum». Typologie des sources du Moyen Âge occidental*, n. 40, Turnhout: Brepols.

BURKE, Peter. *Popular Culture in Early Modern Europe*. Harper Torchbooks, 1978.

CHAMPION, Justin. "Review: Sleepless Souls. Suicides in Early Modern England". *Literature & History*, v. 1, pp. 108-111, set. 1992.

CHARTIER, Roger (Ed.). *The Culture of Print. Power and the Uses of Print in Early Modern Europe*. Translated by Lydia G. Cochrane. Cambridge: Polity Press, 1989.

CHARTIER, Roger. "From texts to readers: Literary criticism, sociology of practice and cultural history". *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, pp. 741-756, 2017.

CRICK, Julia; WALSHAM, Alexandra (Ed.). *The uses of script and print, 1300-1700*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

EISENSTEIN, Elizabeth L. *The Printing Revolution in Early Modern Europe*. 2. ed. Cambridge University Press, 2005.

DOUGLAS, Jack. *The social meanings of suicide*. Princeton University Press, 1967.

HAMPTON, Timothy. *Writing from History: The Rhetoric of Exemplarity in Renaissance Literature*. Cornell University Press, 1990.

HARMS, Roeland; RAYMOND, Joad; SALMAN, Jeroen (Ed.). *Not Dead Things: The Dissemination of Popular Print in England and Wales, Italy, and the Low Countries, 1500-1820*. New York: Brill, 2013.

HARRIS, Tim. "The problem of 'popular political culture' in seventeenth-century London". *History of European Ideas*, n. 10, pp. 43-58, 1989.

HEALY, Róisín. "Suicide in Early Modern and Modern Europe". *The Historical Journal*, n. 49, pp. 903-919, 2006.

HOWSAM, Leslie. *Old Books and New Histories: An Orientation to Studies in Book and Print Culture*. University of Toronto Press, 2006.

KESSON, Andy; SMITH, Emma (Ed.). *The Elizabethan Top Ten: Defining Print Popularity in Early Modern England*. Routledge, 2013.

LYONS, John D. *Exemplum: The Rhetoric of Example in Early Modern France and Italy*. Princeton: Princeton Legacy Library, 1989.

MACDONALD, Michael; MURPHY, Terence R. *Sleepless Souls: Suicide in Early Modern England*. Clarendon Press, 1991.

MORRISSEY, Susan. *Suicide and the Body Politic in Imperial Russia*. Cambridge University Press, 2006.

RAYMOND, Joad (Ed.). *The Oxford History of Popular Print Culture. Vol 1: Cheap Print in Britain and Ireland to 1660*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

SCRIBNER, Bob. "Is a history of popular culture possible?". *History of European Ideas*, n. 10, pp. 175-191, 1989.

WATT, Jeffrey R. (Ed.). *From Sin to Insanity: Suicide in Early Modern Europe*. New York: Cornell University Press, 2004.

WATT, Tessa. *Cheap Print and Popular Piety 1550-1640*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.